

CADERNO DOIS

literatura

POLÊMICA "O Último Tabu do Cristianismo" usa textos antigos e confirma tese do "Código da Vinci". Pág. 3



crônica

SAUDADE João Moraes, líder do grupo A Patuléia, relembra convivência com Bussunda em "O Anão, o Limão e a Nina". Pág. 5



quadrinhos

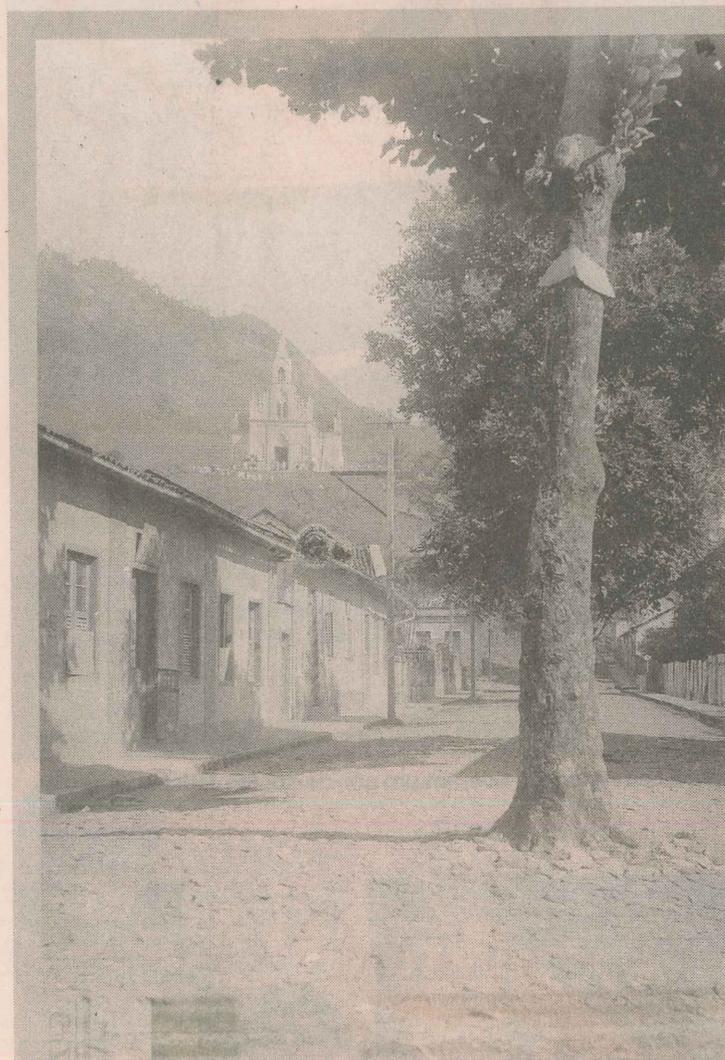
IRONIA Maitena adiciona melancolia ao habitual olhar sobre problemas femininos em "Curvas Perigosas". Pág. 8



Editora: Ana Laura Nahas - anahas@redgazeta.com.br - Tel.: (27) 3321-8608

DESCOBERTA REGISTROS FEITOS POR FOTÓGRAFO AMADOR EXIBEM UM TRAÇADO DA CIDADE COMPLETAMENTE DESCONHECIDO DAS NOVAS GERAÇÕES

Santa Leopoldina era assim



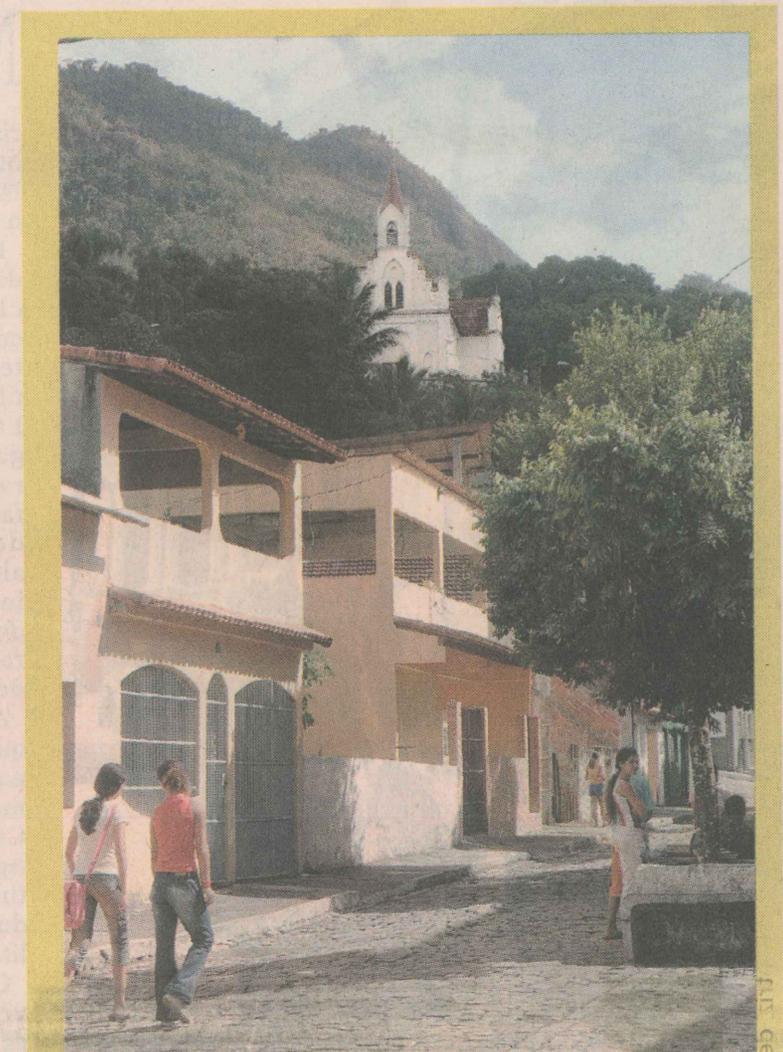
Acervo recém-descoberto de fotografias raras revela cidade nas primeiras décadas do século XX

MARCELO PEREIRA
mvitoria@redgazeta.com.br

Remexendo em velhos guardados da família de sua tia, o funcionário público Adriano Lima Neves, 42 anos, morador de Santa Leopoldina, descobriu uma verdadeira janela para o passado. Ele encontrou, muito bem conservados em vidro, 25 negativos do início do século XX. Os cliques retratam a cidade ainda pouco acostumada com os poucos veículos automotores, numa velocidade pacata de interior, e destaca o início de sua urbanização, com as ruas ganhando traçados, o casario (que hoje soa tradicional) sendo erguido com jeito de novo e a ponte Paulo Antônio Medice ganhando contorno e fazendo parte da paisagem.

O fotógrafo tem nome mas sua história perde-se pelas brumas do tempo. "Ele era um coletor federal e se chamava Sebastião de Oliveira. Foi muito amigo de meu avô, que também gostava de fotografia, André Bezerra de Lima, para quem presenteou as chapas", informa o "descobridor".

O que a família Lima recorda de Oliveira é que ele era do Rio de Janeiro. Cumpria a função burocrática de funcionário do governo, mas, nas horas vagas, não ficava parado entre quatro paredes. Ele pegava seu equipamento (a máquina fotográfica semelhante aquela usada pelos nostálgicos retratistas "lambe-lambes"), o material químico (já que a revelação também era feita na hora) e saía pela região, clicando, sobretudo, panorâmicas. No início da década de 30, o fotógrafo de Santa Leopoldina se mudou e não deixou pistas. Mas as fotos que fez ficaram e vêm novamente à luz, algumas 90 anos depois do clique original.

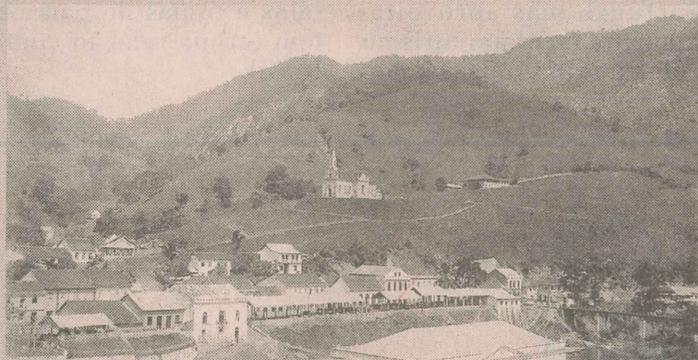


DEPOIS. A Rua Costa Pereira em 2006 ainda conserva as árvores. FOTOS: GILDO LOYOLA

ANTES. Rua Costa Pereira com antigo calçamento de pedra. FOTOS: SEBASTIÃO DE OLIVEIRA/REPRODUÇÃO: GILDO LOYOLA



DETALHE. O calhambeque na futura Av. Getúlio Vargas chamou a atenção do fotógrafo.



FUTURO. A vista parcial do centro de Santa Leopoldina indicava que a cidade ainda tinha para onde crescer.

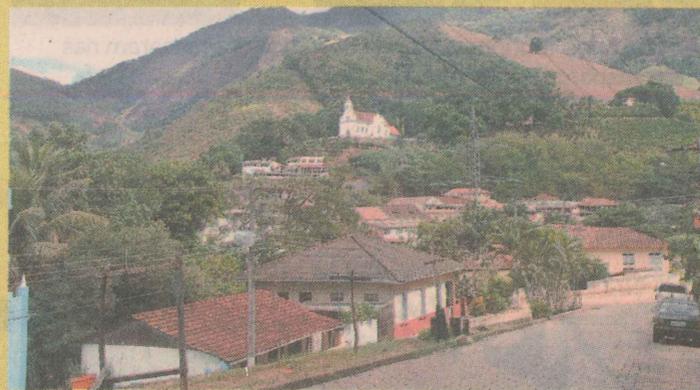
Para Lima, o interessante das imagens preto-e-branco é a possibilidade de se testemunhar um traçado de Santa Leopoldina completamente desconhecido das novas gerações. A prefeitura já sinalizou com o interesse de montar uma exposição resgatando essa época. Inclusive o prédio da administração aparece num negativo. É uma foto importante, porque por ela é possível precisar o período em que foi feita: próximo a 1918, ano do término da construção, iniciada em 1916. A construção está lá, solitária, recém-inaugurada, sem as ruas calçadas e sem a companhia das outras casas que viriam décadas mais tarde.

HOBBY. A professora de História da Arte da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Almerinda Lopes, citou o fotógrafo Sebastião de Oliveira no seu livro “Memória Aprisionada: A Visualidade Fotográfica Capixaba: 1850-1950” (Edufes), lançado em 2004. “Encontrei fotos dele publicadas na revista ‘Vida Capixaba’, no final dos anos 20”, informa. Mas não deu para saber muito sobre o que aconteceu com ele. “Quem sabe essas fotos também resgatam informações sobre o seu destino”, espera.

Almerinda diz que era comum, na época, os chamados “fotógrafos de fim de semana”. Vetustos senhores davam vazão ao seu lado aventureiro, se embrenhando no mato, munidos de seu equipamento fotográfico e captando o melhor da paisagem. “A revelação, feita com solução de nitrato de prata, nas placas umedecidas de vidro, terminaram por serem as mais resistentes ao tempo”, explica. Os sais de prata, em contato com a luz, fixavam o panorama no vidro com mais eficácia que os sistemas que vieram depois. Tanto que as fotos da época continuam perfeitas. Agora, não se pode dizer o mesmo das fotos coloridas da polaróide dos anos 70. É o passado revelando sua eficácia.



MUDANÇA. A Avenida Getúlio Vargas nem desconfia que perdeu alguns sobrados.



POSTO. A igreja da Sagrada Família continua sendo, ainda hoje, um marco na paisagem.